



SERIEDADE NA PALAVRA

SUBSEDE SÃO VICENTE

Rua Frei Gaspar, 3331

**CURSO PREPARATÓRIO DE OBREIROS
2016**

O OBREIRO E O CARÁTER CRISTÃO

PR. ANTONIO MAXIMIANO RODRIGUES PIRES

O OBREIRO E O CARÁTER CRISTÃO

ÍNDICE

1 - DEFINIÇÃO DE CARÁTER	3
2 - REQUISITOS	3
2.1 – Atuação no Primeiro Grupo	4
2.2 – Atuação no Segundo Grupo	4
3 – QUALIDADES DO OBREIRO	7
3.1 Essenciais	7
3.2 Complementares	12
4 – A VIDA DEVOCIONAL DO OBREIRO	15
4.1. O Que Significa Devocional?	15
4.2 Armadilhas Contra a Vida Devocional	15
4.3 Aspectos da Vida Devocional	16
4.4 Sugestões para uma Vida Devocional Significativa	19
4.5 Benefícios de uma Vida Devocional Disciplinada	19
CONCLUSÃO	20

O OBREIRO E O CARÁTER CRISTÃO

1. DEFINIÇÃO DE CARÁTER

No Dicionário Aurélio existem várias definições para a palavra *caráter*. A que melhor atende ao nosso objetivo seria *"o conjunto dos traços psicológicos, o modo de ser, de sentir e de agir de um indivíduo, ou de um grupo"*, ou *"feitio moral; conjunto das qualidades (boas ou más) de um indivíduo ou de um povo"*.

Esta é uma definição a ser aplicada no mundo, porém podemos definir a expressão *caráter cristão* de modo bem simples como *"o conjunto de princípios e ações, que agindo em nossa vida, nos tornam semelhantes ao nosso modelo: Jesus Cristo"*.

Conforme Paulo escreveu aos efésios *"como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor"* (Ef. 1.4).

2. REQUISITOS

Encontramos vários textos bíblicos sobre os requisitos necessários para os obreiros, porém cremos que os melhores textos que possuímos nas Escrituras são os citados nas cartas de Paulo a Timóteo e a Tito. Vejamos os dois textos:

"Esta é uma palavra fiel: se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja. Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, temperante (vigilante), sóbrio honesto, hospitaleiro, apto para ensinar, não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento; que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia, porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus? Não neófito, para que ensobrecendo-se não caia na condenação do diabo. Convém também que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta e no laço do diabo" (1Tm. 3.1-7).

"Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em boa ordem as coisas que ainda restam, e de cidade em cidade estabelecesses presbíteros, como já te mandei: Aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fieis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes. Porque convém que o bispo seja irrepreensível, como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância; mas dado à hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante; retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes" (Tt. 1.5-9).

Quando comparamos os dois textos observamos que são assemelhados em suas exigências, desta forma vamos utilizar o texto da Primeira Carta de Paulo a Timóteo como referência no tocante aos requisitos.

Lendo o primeiro versículo – *"Esta é uma palavra fiel: se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja"* – vemos que o primeiro ponto abordado pelo apóstolo Paulo é que aquele que deseja o episcopado, ou seja, deseja servir na obra de Deus, tem uma aspiração excelente, portanto trabalhar na obra deve ser um desejo, algo que nos dá prazer de servir e não de sermos servidos.

Na sequência do texto, podemos observar que o candidato deve ter um testemunho favorável de dois grupos:

Primeiro - Os de dentro, ou seja, os membros da igreja;

Segundo - os de fora, isto é, os que não são da igreja.

Como não podia deixar de ser, a ênfase maior recai sobre o primeiro testemunho. Neste, o enfoque divide os requisitos em dois grupos de sete.

O **primeiro grupo** contém apenas requisitos desejáveis, apresentados de forma **positiva**, os quais são:

IRREPREENSÍVEL – ESPOSO DE UMA SÓ MULHER – TEMPERANTE – NÃO DADO A CONTENDAS – NÃO AVARENTO – NÃO NEÓFITO – CORDATO – GOVERNE BEM SUA CASA.

Não devemos deixar passar despercebido que há uma ênfase acerca da relação do candidato com sua família, o que vai surgir da mesma forma na relação de exigências para o diaconato.

2.1. Atuação no Primeiro Grupo:

Irrepreensível - Isto é, isento de crítica, de acusação, de condenação; acima de qualquer censura. Há quem defenda que esta palavra é uma espécie de título ou encabeçamento dos demais itens do primeiro grupo. Seguindo o rastro de 1Tm. 4.12 e Tt. 2.7, podemos afirmar que o Senhor deseja que os líderes da igreja sejam padrão, modelo para os fieis, conforme 1Pe. 5.3 *“nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho”*.

Após este requisito, temos um grupo de quatro requisitos que têm a ver com a atitude do homem ante a moral cristã em geral. Ele deve ser exemplo na relação conjugal, temperante, sóbrio, modesto.

Esposo de uma só mulher – Ou seja, um obreiro que irá atuar como Pastor, Presbítero ou Bispo, como o texto assim aplica, deve ser marido de uma só mulher, preceituando desta forma a fidelidade dentro do casamento. Outro ponto que podemos interpretar é que Paulo está dizendo que o candidato devia ser casado, e também que o bispo/presbítero devia ser totalmente isento de qualquer prática de imoralidade sexual.

Temperante – Esta palavra, empregada ordinariamente no grego com o sentido de abstinente de álcool, é aqui utilizada pelo apóstolo com um significado mais amplo de equilíbrio e autocontrole.

Sóbrio - sensato, discreto, humilde.

Modesto - decente, de comportamento bem ordenado e decoroso.

Agora Paulo arrola duas qualidades que têm a ver com o relacionamento do bispo/presbítero com a igreja.

Hospitaleiro - qualidade daquele que sabe e está disposto a receber os irmãos em sua casa.

Apto para ensinar - Esta exigência não pode ser considerada superficialmente. Das 26 vezes que a palavra *ensino* aparece no Novo Testamento, 24 estão nos escritos de Paulo; 20 vezes nas cartas pastorais. A ênfase no ensino deixa claro que o líder deve ser um ensinador da Palavra.

2.2. Atuação no Segundo Grupo:

Aqui encontramos requisitos que têm a ver com o homem em sua vida cotidiana, seu comportamento no trabalho ou em qualquer outro lugar.

Não dado ao vinho - refere-se ao homem que se mantém sistematicamente afastado da bebida alcoólica.

Não violento - refere-se ao homem briguento, que tem a tendência de resolver as questões com os punhos.

Cordato - moderado, gentil, bondoso, clemente, manso.

Inimigo de contendias - lutas disputas, discussões.

Não avarento - indivíduo que ama o dinheiro. Esta referência ao amor pelo dinheiro é especialmente apropriada para os presbíteros, que poderiam ser tentados a aceitar o cargo pela promessa de dupla honra e pelo salário mencionado em 1Tm. 5.17-18: *”Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina; porque diz a Escritura: Não ligarás a boca ao boi que debulha. E: digno é o obreiro do seu salário”*.

Alguns falsos mestres imaginavam que a santidade era um meio de ganho certo, e seu amor ao dinheiro é censurado em 1Tm. 6.5-10: *”Perversas contendias de homens corruptos de entendimento, e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho; aparta-te dos tais. Mas é grande ganho a piedade com contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores”*.

Que governe bem a sua própria casa - a família do cristão é o campo de testes de Deus, uma experiência para ver se deve ou não servir como despenseiro ou administrador da família de Deus. O plano de Deus para uma congregação amadurecida era uma pluralidade de tais homens em cada igreja conforme Atos 14.23. Sua habilidade em manter os filhos sob disciplina e respeito, iria inspirar confiança na sua capacidade de manter os membros da família de Deus também submissos, e respeitando os preceitos divinos em seu relacionamento uns com os outros.

A palavra *disciplina* implica em subordinação. Respeito é o sentimento que todo cristão deve ter com relação às autoridades. O local ideal para a criança aprender o significado de ambas é o lar. Se não aprender isso em casa, dificilmente demonstrará tais sentimentos em relação aos líderes da igreja ou do estado.

Se os filhos de um cristão puderem ser acusados de dissolução e insubordinação (Tt. 1.6: *”Aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fieis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes”*), isso será um descrédito para a sua capacidade de ensinar, exemplificar e governar sua própria família. A incapacidade demonstrada num núcleo pequeno como a família o desabilita também para a administração da igreja, um núcleo bem maior e mais diversificado.

Que não seja neófito - literalmente "plantado recentemente", ou seja, recém-convertido ou recém-batizado. A carência de maturidade pode levar um líder a se *ensoberbecer* ou tornar-se presunçoso. Essa qualidade negativa estava bem evidente nos crentes de Corinto:

”E eu, irmãos, apliquei estas coisas, por semelhança, a mim e a Apolo, por amor de vós; para que em nós aprendais a não ir além do que está escrito, não vos ensoberbecendo a favor de um contra outro. Porque, quem te faz diferente? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido? Já estais fartos! Já estais ricos! Sem nós reinais! E quisera reinásseis, para que também nós viéssemos a reinar convosco! Porque tenho para mim, que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens. Nós somos loucos por amor de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes; vós ilustres, e nós vis. Até esta presente hora sofremos fome e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa, e nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e sofremos; somos blasfemados, e rogamos; até ao presente temos chegado a ser como o lixo deste

mundo, e como a escória de todos. Não escrevo estas coisas para vos envergonhar; mas admoesto-vos como meus filhos amados. Porque ainda que tivésseis dez mil aios em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo. Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores. Por esta causa vos mandei Timóteo, que é meu filho amado, e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo, como por toda a parte ensino em cada igreja, mas alguns andam ensoberbecidos, como se eu não houvesse de ir ter convosco, mas em breve irei ter convosco, se o Senhor quiser, e então conhecerei, não as palavras dos que andam ensoberbecidos, mas o poder” (1Co. 4.6-19).

“Estais ensoberbecidos, e nem ao menos vos entristecestes por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação” (1Co. 5.2).

“Ora, no tocante às coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que todos temos ciência. A ciência incha, mas o amor edifica” (1Co. 8.1).

“O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece” (1Co. 13.4).

“É soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas” (1Tm. 6.4).

No texto de 1Timóteo 3.6 *“não neófito, para que, ensoberbecendo-se não caia na condenação do diabo”*, a expressão *“não caia na condenação do diabo”* equivale a *“cair no opróbrio e no laço do diabo”* do verso seguinte. O texto parece estar dizendo que a condenação é um ato de Deus e não do diabo, e que os que forem apanhados na tentação do diabo, a não ser que sejam libertados, estão sentenciados a participar da condenação e ruína que caberão ao próprio tentador.

Tenha um bom testemunho dos de fora - A expressão *“os de fora”* se refere aos que não pertencem à comunhão cristã. Essa exigência não é exclusiva dos líderes, mas todos os cristãos são instados a conduzir-se de maneira a exercer uma influência salvadora sobre os de fora, pela sua maneira de viver e sua conduta, tendo entre eles uma boa reputação:

“Geralmente se ouve que há entre vós fornicção, e fornicção tal, que nem ainda entre os gentios se nomeia, como é haver quem abuse da mulher de seu pai. Estais ensoberbecidos, e nem ao menos vos entristecestes por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação” (1Co. 5.1-2).

“Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de contínuo estão junto ao altar, participam do altar?” (1Co. 9.13).

“Tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfetores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem. Sujeitai-vos, pois, a toda a ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei, como superior; quer aos governadores, como por ele enviados para castigo dos malfetores, e para louvor dos que fazem o bem. Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo bem, tapeis a boca à ignorância dos homens insensatos; como livres, e não tendo a liberdade por cobertura da malícia, mas como servos de Deus” (1Pe. 2.12-16).

“Porque, de onde sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? ou, de onde sabes, ó marido, se salvarás tua mulher?” (1Co 7.16).

“Semelhantermente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra” (1Pe. 3.1).

Uma boa reputação é essencial para uma proclamação eficaz do evangelho, para a salvação dos de fora, e ainda para uma liderança eficaz junto aos irmãos. O zelo de Paulo neste assunto é visto em:

“Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos para ganhar ainda mais. E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como

se estivesse sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei. Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. E eu faço isto por causa do evangelho, para ser também participante dele” (1Co. 9.19-23).

“Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes seja o vosso propósito não por tropeço ou escândalo ao irmão” (Rm. 14.13).

Paulo se referiu especialmente aos pregadores do evangelho com relação à sua conduta e reputação: *“Foge também das paixões da mocidade; e segue a justiça, a fé, o amor, e a paz com os que, com um coração puro, invocam o Senhor. E rejeita as questões loucas, e sem instrução, sabendo que produzem contendas. E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade, e tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do diabo, em que à vontade dele estão presos” (2Tm 2.22-26).*

3. QUALIDADES DO OBREIRO

Além dos requisitos, ao longo de todos os seus escritos Paulo coloca uma série de princípios que devem orientar a vida do obreiro. Alguns deles, por fazerem parte do ser do homem de Deus, podem assim ser chamados essenciais; outros, por serem consequência de uma aplicação em sua busca, podem ser chamados complementares.

3.1. Qualidades Essenciais

Piedade - palavra geralmente definida como devoção religiosa e reverência diante de Deus. Usada por Paulo apenas nas cartas pastorais, mais do que profissão ou conduta religiosa, refere-se ao poder de uma união vital com Deus (Jo. 15). Podemos, ainda, definir piedade como uma atitude pessoal para com Deus, originada de uma experiência genuína, legítima, com Ele. *“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda” (2Tm. 4.7-8).* Paulo estimula Timóteo a exercitar-se na piedade, o que a caracteriza como algo que pode ser cultivado.

As palavras *piedade* e *piedosamente* são encontradas mais de 40 vezes no Novo Testamento. A palavra “piedade” vem do latim e tem dois sentidos: *“1. Amor e respeito às coisas religiosas; religiosidade; devoção. 2. Pena dos males alheios, compaixão; dó; comiseração” (Novo Dicionário Aurélio, 2ª edição).* Na linguagem popular, e muitas vezes no Antigo Testamento, a palavra tem o segundo sentido e traz a ideia de compaixão, mas no Novo Testamento o sentido normalmente é o primeiro, ou seja, devoção a Deus ou respeito às coisas religiosas.

Quando você encontrar a palavra “piedade” ou “piedoso” no Novo Testamento, pense primeiro no sentido de devoção a Deus (temente a Deus) ou às coisas religiosas, e na santidade. Na maioria dos casos, essas definições vão comunicar melhor o sentido original.

Modelo, padrão, exemplo - tanto na primeira carta a Timóteo, quanto na carta a Tito, Paulo chama a atenção para a necessidade de, antes de ensinar, praticarem aquilo que pregavam:

“Pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência” (1Tm. 4.2).

“Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade” (Tt. 2.7).

“Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co. 11.1).

Paulo declara ser esse modelo ao escrever: *"Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo"*. Dirigindo-se aos presbíteros, em sua primeira carta, Pedro os exorta a se tornar *"modelos do rebanho"*. 1Pedro 5.1-3: *"Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar: Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho"*. É indispensável que aqueles que nos ouvem vejam em nós exemplos vivos do que pregamos e ensinamos.

Suficiência de Deus - o obreiro precisa ter sempre em mente o fato de que toda a sua suficiência vem de Deus. Isso o ajudará a evitar a vaidade e a depender mais da operação do Espírito Santo, conseqüentemente, haverá maior bênção e unção em seu trabalho. Em 2Co. 3.4-6: *"É por Cristo que temos tal confiança em Deus; não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata e o espírito vivifica"*.

Paulo reconhece essa necessidade, e chega a dizer que *"não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus"*. Sem dúvida, o apóstolo está fazendo eco à palavra de Jesus registrada em João 15.5b: *"Sem mim nada podeis fazer"*. Novamente aos coríntios, Paulo confessa: *"Porque quando sou fraco, então é que sou forte"* (2Co. 12.10). O reconhecimento dessa verdade não somente nos transmite uma dose mais forte de humildade, como nos capacita a um esvaziamento que permite uma operação mais eficaz do Espírito de Deus.

Perseverança - esta é uma das virtudes que Pedro relacionou em sua segunda carta, como que em uma escalada em direção a maior delas, o amor *"E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência a temperança, e à temperança a paciência, e à paciência a piedade, e à piedade o amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade"* (2Pe. 1.5-7).

Aos discípulos Jesus já dissera: *"É na vossa perseverança que ganhareis as vossas almas"* (Lc. 21.19). Quando Pedro escreveu sua carta, o momento vivido por aqueles aos quais se dirigiu era de perseguição. Portanto, era necessário dar uma palavra de incentivo a permanecerem firmes, extensiva a todos os crentes de todos os tempos. Ainda hoje, em diversos países, muitos de nossos irmãos enfrentam situações semelhantes. Contudo, aqui queremos falar sobre a perseverança no ministério. Um dos maiores estímulos a permanecer firme, a despeito da ausência aparente de resultados é Jeremias. Durante cerca de quarenta anos ele ministrou a Judá, sem detectar, em nenhum momento, acolhimento às suas mensagens de advertência. Daí ele ter tido o dissabor de presenciar todo o castigo prometido aos rebeldes, sem que os justos tenham escapado dele. Sua profunda tristeza está registrada no livro das Lamentações, entremeada de uma confiança inabalável na fidelidade divina.

No Novo Testamento, novamente a palavra mais objetiva sobre a necessidade de não desanimar no ministério vem de Paulo, registrada em 2Co. 5.16-18: *"Assim, que daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos deste modo. Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação"*.

O ministério sempre teve, tem e terá momentos difíceis. O conflito de Paulo com a igreja de Corinto provavelmente faria que muitos ministros contemporâneos encerrassem seu ministério ou o encaminhassem para posições bem negativistas. Na prática, ele ficou sem tranquilidade no espírito, até mesmo para aproveitar a oportunidade de uma porta aberta pelo

Senhor: *“Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, e abrindo-se-me uma porta no SENHOR, não tive descanso no meu espírito, porque não achei ali meu irmão Tito; mas, despedindo-me deles, parti para a Macedônia”* (2Co. 2.12-13). Contudo, apesar das feridas interiores que sem dúvida chegou a ter, jamais abriu mão de reconquistar aquele grupo que ele mesmo arrebanhara em um ano e meio de ministério na cidade de Corinto. Eram pessoas do Senhor e ele não admitia perdê-las para o inimigo.

Amor às ovelhas - apesar de tudo o que havia passado no seu conflito com a igreja de Corinto, que duvidara de seu apostolado, de sua honestidade e menosprezara até mesmo sua pregação, Paulo declara abertamente seu amor por aqueles irmãos: *“Ó coríntios, a nossa boca está aberta para vós, o nosso coração está dilatado. Não estais estreitados em nós; mas estais estreitados nos vossos próprios afetos”* (2Co. 6.11-12). Em momento algum Paulo abriu mão deles. Pelo contrário, lutou pelas suas almas enquanto pôde.

Ainda por amor ao rebanho, Paulo afirma aos filipenses saber ser melhor morrer e ir ter com Cristo, mas, por causa deles, estava certo de que ficaria: *“Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor, mas julgo mais necessário, por amor de vós, ficar na carne. E, tendo esta confiança, sei que ficarei, e permaneceréi com todos vós para proveito vosso e gozo da fé, para que a vossa glória cresça por mim em Cristo Jesus, pela minha nova ida a vós”* (Fp. 1.23-26).

Moisés ousadamente pediu ao Senhor que perdoasse o povo ou riscasse o nome dele do livro da vida: *“Agora, pois, perdoa o seu pecado, se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito”* (Êx. 32.32). O seu amor ao povo era tanto, que ele pôs em jogo a sua própria salvação.

Semelhantemente, Paulo declarou seu desejo de se tornar maldição por amor aos seus irmãos: *“Em Cristo digo a verdade, não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo) que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser anátema de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne”* (Rm. 9.1-3). *“Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação”* (Rm.10.1).

Poder - momentos antes de ser assunto aos céus, Jesus deixou bem claro aos seus discípulos que, para testemunhar, eles teriam de receber o poder do Espírito Santo que desceria sobre eles: *“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra”* (At. 1.8). Em 1Co. 2.1-5, Paulo afirma aos coríntios que, quando esteve entre eles, a sua pregação não consistiu *“em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder”*, para que a fé deles *“não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus”*. A Timóteo ele escreveu que *“Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação”* (2Tm. 1.7).

Humildade - Já no Antigo Testamento, o salmista afirmava que se apenas atentasse para a vaidade, o Senhor não o teria ouvido: *“Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá”* (Sl. 66.18). Na dispensação da graça, Jesus foi nosso maior modelo de humildade: *“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas, porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”* (Mt. 11.28-30).

No Sermão do Monte o Senhor afirmou: *“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”* (Mt. 5.3). Lavou os pés aos discípulos, quando tinha todo o direito de exigir o contrário, para nos exemplificar como deveríamos agir. Escrevendo aos coríntios Paulo disse *“Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no SENHOR, porque não é aprovado quem a si mesmo se louva, mas, sim, aquele a quem o Senhor louva”* (2Co. 10.17-18).

No capítulo 12 da mesma carta, o apóstolo reconhece que o *“espinho na carne”* teve como objetivo evitar que ele se envaidecesse com as extraordinárias visões que teve: *“E, para*

que não me exaltasse pela excelência das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de não me exaltar, acerca do qual três vezes orei ao Senhor para que se desviasse de mim, e disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo, porque quando estou fraco então sou forte” (2Co. 12.7-10).

Aos gálatas Paulo afirmou que não tinha outro motivo para se gloriar a não ser na cruz de Cristo: *“Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo” (Gl. 6.14).*

Zelo - Paulo disse aos coríntios que o zelo que tinha por eles era zelo de Deus, pelo fato de estar preparando-os para apresentá-los em pureza ao seu esposo, Cristo: *“Quisera eu me suportásseis um pouco na minha loucura! Suportai-me, porém, ainda, porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo” (2Co. 11.1-2).* No versículo 28 do mesmo capítulo, dá ênfase à sua permanente preocupação com todas as igrejas: *“Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas” (2Co. 11.28).*

No capítulo seguinte (2Co 12.15), essa dedicação é mais ainda extravasada quando diz: *“Eu de muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado”.* Zelo e dedicação são qualidades indispensáveis a um bom obreiro.

Desinteresse material - *“porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males” (1Tm. 6.10a),* instruiu Paulo a Timóteo, depois de arrazoar que a *“piedade com contentamento”* é superior à posse de qualquer bem material: *“Mas é grande ganho a piedade com contentamento, porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes” (1Tm. 6.6-8).* Exemplificando com sua própria vida, declara aos coríntios: *“a ninguém tratamos com injustiça, a ninguém corrompemos, a ninguém exploramos” (2Co. 7.2); “...estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém” (2Co. 11.7-9); “Eis que pela terceira vez estou pronto a ir ter convosco, e não vos serei pesado, pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros” (2Co. 12.14).* A obra de Deus não pode ser realizada com a visão projetada para retribuições de ordem financeira. O objetivo é o ser humano perdido. O resto Deus providenciará (Gn. 22.8): *“O trabalhador é digno do seu salário” (Mt. 10.11-12; cf. 1Co. 9.9-10; 1Tm. 5.18).*

Serviço - a poetisa chilena Gabriela Mistral, prêmio Nobel de Literatura, escreveu que *“Quem não vive para servir, não serve para viver”.* Se não encontramos tal afirmativa nas Escrituras, por outro lado lemos a lição dada por Jesus acerca do serviço, parte integrante, fundamental, essencial, indispensável do ministério cristão. A Sua vida foi o maior exemplo de serviço, e cabe a nós imitá-lo, principalmente os detentores do privilégio da vocação para tempo integral ou parcial: *“E, acabada a ceia, tendo o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que o traísse, Jesus, sabendo que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus e ia para Deus, levantou-se da ceia, tirou as vestes, e, tomando uma toalha, cingiu-se. Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, que lhe disse: Senhor, tu lavas-me os pés a mim? Respondeu Jesus, e disse-lhe: O que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois. Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu te não lavar, não tens parte comigo. Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça. Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora vós estais limpos, mas não todos. Porque bem sabia ele quem o havia de trair; por isso disse: Nem todos estais limpos. Depois que lhes lavou os pés, e tomou as suas vestes, e se assentou outra vez à mesa, disse-lhes: Entendeis o que*

vos tenho feito? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros, porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes” (Jo. 13.2-17). Nada deve ser considerado difícil à luz de 1Co. 10.33: “Como também eu em tudo agrado a todos, não buscando o meu próprio proveito, mas o de muitos, para que assim se possam salvar”.

Mais uma vez nos reportamos a 1Pe. 5.2-3, onde, dirigindo-se aos líderes de então, Pedro os convoca a uma vida de serviço: *“Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho”.*

É preciso ter em mente o que o Senhor Jesus disse aos discípulos, já no fim do seu ministério: *“Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; e, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo; bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt. 20.25-28).*

Santidade - desde o tempo no deserto, o Senhor já incluiu na sua aliança com o povo de Israel a ordenança de santidade: *“Porque eu sou o SENHOR vosso Deus; portanto vós vos santificareis, e sereis santos, porque eu sou santo; e não vos contaminareis com nenhum réptil que se arrasta sobre a terra; porque eu sou o SENHOR, que vos fiz subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus, e para que sejais santos; porque eu sou santo” (Lv. 11.44-45).*

A santidade foi renovada e enfatizada por Pedro: *“Como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo” (1Pe. 1.14-16).* Na carta a Timóteo, Paulo o instruiu a manter-se puro: *“...conserva-te a ti mesmo puro” (1Tm. 5.22b)* e *“de sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra. Foge também das paixões da mocidade; e segue a justiça, a fé, o amor, e a paz com os que, com um coração puro, invocam o Senhor” (2Tm. 2.21-22),* chamando a atenção para o fato de que o que assim fizer *“será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra”.*

Aos tessalonicenses Paulo disse: *“pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1Ts. 4.3); “porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e, sim, em santificação” (1Ts. 4.7).* O autor da Carta aos Hebreus é mais contundente quando afirma: *“Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb. 12.14).*

3.2. Qualidades Complementares

Outras virtudes que precisam fazer parte do caráter do obreiro cristão são:

Conhecimento da Palavra de Deus - o texto clássico que alicerça esta qualidade é 2Tm. 2.15: *“Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”.* A ele podemos acrescentar 1Pe. 3.15: *“antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós”.* Seja qual for a sua especialidade, todo profissional tem a obrigação de saber solucionar qualquer eventualidade que surja durante a execução de seu trabalho, senão deixa de merecer nossa confiança e, conseqüentemente, perde sua clientela.

Importante entendermos que embora não possa, nem deva, ser classificado como profissional, o obreiro cristão tem obrigação de conhecer bem as Escrituras, por isso jamais pode se acomodar. Precisa estudá-la sempre, constantemente, com afinco. A experiência evidencia que ela é sempre nova. Jamais lemos um texto sem proveito, ainda que já o tenhamos lido várias vezes antes. O Senhor sempre tem coisas novas a nos revelar. Não nos acomodemos. Estudemos, na certeza de que há a aprender muito mais do que já sabemos.

Não adulterar a Palavra de Deus - podemos incidir neste erro toda vez que não levarmos a sério o que foi dito no item anterior. Sobre isso Paulo assim se manifesta: *“Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade”* (2Co. 4.1-2).

Ainda aos coríntios ele ensina: *“Não ultrapasseis o que está escrito, a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro”* (1Co. 4.6b). A Timóteo ele adverte: *“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina”* (1Tm. 4.16a). Na sua segunda carta, Pedro chama a atenção para pessoas ignorantes e instáveis que deturpavam tanto as cartas paulinas quanto as demais Escrituras: *“Por isso, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz. E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor; como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição. Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza”* (2Pe. 3.14-17).

No primeiro texto, o apóstolo afirma sua conduta sem astúcia e sem adulterar a palavra de Deus. No segundo, ele chama a atenção para o cuidado que devemos ter no sentido de não ultrapassar o que está escrito, e que, portanto, não pode ser confirmado, para que não nos envaideçamos, achando-nos melhores que os outros crentes, que só conhecem o que está registrado. Numa época em que as novidades e os modismos se sucedem, não podemos deixar de agir como os judeus de Bereia ao nos depararmos com coisas que, segundo os nossos interlocutores, "funcionam", embora não estejam registradas no texto bíblico. Isto sem considerar que, em alguns casos, chegam a contrariar princípios escriturísticos. Outro problema de nossa geração é o desleixo da liderança e o desinteresse dos crentes com respeito ao ensino doutrinário. O fruto disso é uma geração insegura, sem lastro bíblico, produzindo nas igrejas uma fatia significativa de alta rotatividade. São cristãos que hoje estão aqui, amanhã ali. O texto de Pedro faz referência a ignorantes e instáveis, deixando claro que a deturpação das Escrituras pode ter como origem a falta de conhecimento. Obreiros fieis não podem se dar ao luxo de permitir que coisas dessa natureza aconteçam.

Não Agradar a Homens - Em Gálatas 1.10, Paulo pergunta: *“Porventura procuro eu agora o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo”*. Aos tessalonicenses, de maneira mais extensa, Paulo declara a mesma coisa, indo um pouco além, lembrando que jamais usou de linguagem de bajulação ou de intuítos gananciosos *“Porque a nossa exortação não foi com engano, nem com imundícia, nem com fraudulência; mas, como fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus, que prova os nossos corações. Porque, como bem sabeis, nunca usamos de palavras lisonjeiras, nem houve um pretexto de avareza; Deus é testemunha; e não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros, ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados”* (1Ts. 2.3-6).

No contexto cultural de nosso país, o fato de trabalharmos junto a um determinado número de pessoas atrai a atenção tanto de vendedores quanto de políticos. A pressão que

fazem para conseguir algo de nós nem sempre é pequena, contudo, tem de ser suportada. Na qualidade de obreiros de Deus, não podemos, de forma alguma, abrir mão do princípio de procurar agradar exclusivamente a Ele, ainda que isso possa provocar desagrado em indivíduos detentores de alguma ascendência social ou política. Deus tem de ser o alvo único de nosso desejo de agradar, seja qual for o preço que tal atitude cobre.

Apto para Consolar - Qualquer tipo de benefício que recebamos do Senhor deve, obrigatoriamente, refletir-se em direção a outras pessoas. Nada que recebemos é para ser guardado. O homem que recebeu um talento e o escondeu pagou um preço caro por sua atitude. Num país de contrastes como o nosso, onde as carências e deficiências ocorrem com muito maior incidência que o suprimento das necessidades básicas do ser humano, consolar é um dom precioso: *“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação; que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus. Porque, como as aflições de Cristo são abundantes em nós, assim também é abundante a nossa consolação por meio de Cristo. Mas, se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; ou, se somos consolados, para vossa consolação e salvação é, a qual se opera suportando com paciência as mesmas aflições que nós também padecemos; e a nossa esperança acerca de vós é firme, sabendo que como sois participantes das aflições, assim o sereis também da consolação”* (2Co. 1.3-7). Paulo demonstra toda a sua gratidão pela consolação recebida de Deus, presente em toda a sua tribulação, a fim de que ele pudesse consolar os que estivessem em qualquer angústia, com a consolação de que tinha sido alvo.

Em outras palavras, Deus se faz presente em todas as nossas situações adversas, suprimindo as nossas necessidades, especialmente as emocionais e espirituais, a fim de que possamos transmitir isso a outros, conscientizando-os da realidade da assistência divina. Portanto, se não temos dúvidas de que somos assistidos, não fuçamos à responsabilidade de assistir, consolar, confortar. O Espírito suprirá nossas deficiências.

Orar pelo rebanho - Paulo orou pelos seus grandes colaboradores da igreja de Filipos: *“E peço isto: que o vosso amor cresça mais e mais em ciência e em todo o conhecimento, para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros, e sem escândalo algum até ao dia de Cristo; cheios dos frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus”* (Fp. 1.9-11).

Fez o mesmo pelos crentes de Colossos, embora não os conhecesse pessoalmente: *“Por esta razão, nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus; corroborados em toda a fortaleza, segundo a força da sua glória, em toda a paciência, e longanimidade com gozo; dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz; O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados”* (Cl. 1.9-14).

Orou também pelos tessalonicenses: *“Paulo, e Silvano, e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo: Graça e paz tenhais de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. Sempre damos graças a Deus por vós todos, fazendo menção de vós em nossas orações, lembrando-nos sem cessar da obra da vossa fé, do trabalho do amor, e da paciência da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai, sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus; porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza, como bem sabeis quais fomos entre vós, por amor de vós”* (1Ts. 1.1-5).

Podemos constatar que era costume do apóstolo iniciar suas cartas comunicando aos destinatários as orações que costumava fazer por eles. Pelos crentes de Éfeso, contudo, Paulo registra duas orações:

“Por isso, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobre excelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Ef. 1.15-23).

“Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome, para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus. Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém” (Ef. 3.14-21).

Tudo isso demonstra o valor que ele atribuía à prática intercessória. Em todas elas, demonstra o desejo de ver o crescimento espiritual dos crentes. Para que aqueles a quem ministramos através do ensino, da pregação da Palavra ou qualquer outro tipo de ação, possam ser abençoados pelo que fazemos, é indispensável que intercedamos por eles diante de Deus. Não realizamos a obra de Deus, somos apenas instrumentos em suas mãos. Carecemos do poder de agir no interior de nossos semelhantes. Só o Seu Espírito pode fazer isso, e para que o faça, precisamos interceder. Não nos esqueçamos disso, nem sejamos negligentes, se queremos que o Senhor acrescente frutos ao que fazemos.

Depender da oração do rebanho - No contexto evangélico brasileiro, é muito comum vermos os crentes pedindo constantemente aos seus pastores que orem por eles, mas eles mesmos não têm o cuidado de orar pelos pastores. Estes, por sua vez, sentindo-se supervalorizados, aceitam a situação, quem sabe para não exibir suas fragilidades, e pecam por não estimularem a oração dos seus membros por eles. Tal atitude os fragiliza ainda mais. Quando a tentação assoma sobre eles, mais do que sobre os crentes comuns, não estão preparados para resistir a elas. Quero crer que nunca, em toda a história da igreja, tantos líderes têm se deixado derrotar pela tentação. Paulo não pensava assim, fatos que podemos confirmar ao ler 2Co. 1.8-11: *“Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos. Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos, o qual nos livrou de tão grande morte, e livra; em quem esperamos que também nos livrará ainda, ajudando-nos também vós com orações por nós, para que pela mercê, que por muitas pessoas nos foi feita, por muitas também sejam dadas graças a nosso respeito”*. Neste texto Paulo torna clara a sua gratidão pela intercessão dos irmãos, com o seu consequente livramento, e os estimula a darem graças pela resposta divina.

Certa vez, um norte-americano atravessou o oceano de navio para ir à Inglaterra perguntar ao grande pregador inglês Charles Spurgeon, até hoje chamado de "Príncipe dos

Pregadores", qual era o segredo do seu sucesso no ministério. Spurgeon deu-lhe uma curta resposta: *"O meu povo ora por mim"*. Mais tarde, em um de seus sermões, dirigindo-se à sua congregação, disse-lhes: *"No dia em que vocês deixarem de orar por mim, avisem-me, porque eu deixarei de pregar"*. Ele nunca pregou sem que durante o culto, em alguma sala da igreja, houvesse um grupo intercedendo por aqueles que ouviam a pregação.

4. A VIDA DEVOCIONAL DO OBREIRO

O obreiro, como aquele que se espera que ministre aos outros, deve em primeiro lugar, e antes de mais nada, ser ministrado por Deus. Isso se dará através de uma vida devocional diária. A vida devocional particular do obreiro, o tempo gasto com Deus, determinará a verdadeira altura e profundidade de seu ministério. Para isso é necessário entender de maneira correta o que é ter uma vida devocional diária.

4.1. O Que Significa Devocional?

A palavra "devoção" é definida por vocábulos como "consagração", "dedicação íntima" e "zelo". De fato, a edição de 1828 do *American Dictionary of the English Language* (Dicionário Americano da Língua Inglesa), de Noah Webster, define "devoção", em sua maior parte, em termos religiosos. Webster descreve-a mais detalhadamente como *"uma atenção solene ao Ser Supremo na adoração; uma dedicação especial; uma rendição do coração e das afeições a Deus, com reverência, fé e piedade, nos deveres religiosos, particularmente na oração e meditação"*.

Para todo o crente e particularmente para o obreiro, devoção significa concentração diária nas Escrituras e na oração.

Uma vida devocional disciplinada é assunto inteiramente pessoal, e não ousamos relegá-lo a uma exigência profissional rotineira. Antes de sermos obreiros, somos filhos de Deus, individualmente responsáveis e necessitados do alimento espiritual diário. Como obreiros, logo percebemos que alimentar o rebanho de Deus requer que primeiro sejamos estudantes diligentes da Sua Palavra.

4.2. Armadilhas Contra a Vida Devocional

Um dos maiores perigos para o obreiro cristão, é permitir que o período dedicado ao estudo pessoal substitua o período devocional particular. Fazê-lo pode ser comparado a passar a semana inteira preparando um banquete para hóspedes convidados, sem ter tempo de se sentar para comer.

Vamos abordar agora um grande perigo, identificando imediatamente algumas providências que o servo de Deus deve tomar para evitá-lo.

a) A Acomodação

"Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério. Medita estas coisas; ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem" (1Tm. 4.14-16).

Obreiros com a mesma mensagem de sempre, sem iniciativa na obra de Deus, que dizem estar sempre esperando a revelação de Deus, são obreiros acomodados. Pessoas assim costumam afirmar que estão ocupados demais para ter sua vida devocional particular, e que não há tempo para isso. Alguém disse: "Quem não tem tempo para Deus, vive perdendo tempo".

O apóstolo Paulo retrata o obreiro cristão com duas figuras muito significativas:

O soldado: *“Sofre, pois, comigo, as aflições, como bom soldado de Jesus Cristo. Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra. E, se alguém também milita, não é coroado se não militar legitimamente”* (2Tm. 2.3-5).

O atleta: *“E todo aquele que luta de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, uma incorruptível. Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar. Antes, subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado”* (1Co. 9.25-27).

Tanto o soldado quanto o atleta se distinguem pela constante atividade, iniciativas, espírito de luta, e, principalmente, por perseguirem com persistência alvos certos, sob orientação de seu treinador. O mesmo deve acontecer com o obreiro, que deve deixar de lado o comodismo e adquirir sua comunhão com o Treinador através de sua vida devocional. O obreiro acomodado, sem ânimo e preguiçoso, não oferece nenhum perigo ao diabo, pelo contrário, pode se tornar presa fácil para suas astutas ciladas.

b) Como Vencer a Acomodação

O meio de vencer a acomodação é a autodisciplina, isto é, o obreiro deve cultivar a sua própria saúde ministerial, para poder fazer com alegria a obra do Senhor. *“Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido. Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas, e exercita-te a ti mesmo em piedade; porque o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir. Esta palavra é fiel e digna de toda a aceitação; porque para isto trabalhamos e lutamos, pois esperamos no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, principalmente dos fieis. Manda estas coisas e ensina-as. Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fieis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza”* (1Tm. 4.6-12).

Neste texto da carta de Paulo encontramos os passos da autodisciplina:

- Alimentar-se com as palavras da fé (v. 6)
- Alimentar-se com a boa doutrina (v. 6)
- Abster-se das fábulas profanas (v.7; leia também Hb. 5.11-14)
- Exercitar-se na piedade (v. 7b).

O obreiro deve ter uma vida devocional particular de oração e leitura das Escrituras, para satisfazer suas próprias necessidades espirituais.

4.3. Aspectos da Vida Devocional

a) Oração

“Oração é a comunicação com Deus. É um diálogo entre duas pessoas que se amam mutuamente: Deus e o homem” (Bill Bright).

“Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti ó Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?” (Sl. 42.1-2).

O anelo de um cervo sedento pela água ilustra vividamente a intensidade do relacionamento que Deus deseja que tenhamos com Ele. Assim como a sede impulsiona o cervo para o córrego, também a nossa fome de recebermos mais de Deus nos instiga à devoção particular.

Como obreiros, devemos dar-nos conta de que, se não controlarmos nosso horário, ele nos controlará. Por isso, faz-se necessário planejar o horário para o devocional diário. Não há lei especificando a hora do dia em que devemos fazer nosso devocional com Deus. Naturalmente

que, em situações de crise, somos levados a buscar a Deus em períodos devocionais particulares pela manhã, ao meio-dia e à noite! O importante é que o obreiro certifique-se de que passará algum tempo com Deus, e que o fará regularmente.

"Pela manhã, ouvirás a minha voz, ó Senhor; pela manhã, me apresentarei a ti, e vigiarei" (Sl. 5.3).

Parece lógico, que antes de atacarmos as tarefas do dia, obtenhamos forças para enfrentá-las dando prioridade ao nosso relacionamento com Deus. O maior exemplo de uma vida em oração: Jesus!

"E, despedida a multidão, subiu ao monte para orar, à parte. E, chegada já a tarde, estava ali só" (Mt. 14.23).

"Aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando ele, o céu se abriu" (Lc. 3.21).

"E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus" (Lc.6.12).

"E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa ficou branca e mui resplandecente" (Lc. 9.29).

"Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus" (Jo.17.9).

b) Elementos da Oração

Louvor ou Adoração - É a expressão de puro amor a Deus: *"Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome"* (Mt. 6.9).

Ação de Graças - É o reconhecimento, cheio de gratidão, de que Deus está interessado em sua vida: *"Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco"* (1Ts. 5.18).

Arrependimento e Confissão - Apresentar o pecado específico a Deus *"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça"* (1Jo. 1.9).

Intercessão - É a oração em favor de outras pessoas: *"Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens"* (1Tm. 2.1).

Petição - Consiste em apresentar nossos pedidos pessoais a Deus:

"Disseram-lhe, pois: SENHOR, dá-nos sempre desse pão" (Jo. 6.34).

"Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com ação de graças" (Fp. 4.6).

Consagração – É o oferecimento de todo o seu ser a Deus.

Nada do que é dito sobre oração será de grande proveito, a não ser que a pratiquemos. Se isso não for feito com firme decisão, as exigências da vida moderna, que nos oprimem de todo lado, nos impedirão de gozar os benefícios dessa comunicação com Deus, tão vital e necessária.

c) Leitura da Bíblia

"Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei" (Sl. 119.18).

Para que entendamos a Bíblia precisamos da iluminação do Espírito Santo, ou seja, a percepção espiritual que recebemos para compreender a revelação de Deus.

d) A Bíblia como guia para a vida cristã é:

▪ A base para a fé: *"De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus"* (Rm. 10.17).

▪ Útil para o ensino, para redarguir, para corrigir, para instruir na justiça: *“Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra”* (2Tm. 3.16-17).

▪ Lâmpada para iluminar os meus passos e me ajudar a andar da maneira que agrada ao Senhor: *“Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho”* (Sl. 119.105).

▪ A Palavra que protege do pecado: *“Cercaram-me, e tornaram a cercar-me; mas no nome do SENHOR eu as despedaçarei”* (Sl. 119.11).

▪ A Palavra que discerne os motivos: *“Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração”* (Hb.4.12).

e) Nossa atitude em relação à Bíblia:

▪ Desejar a Palavra de Deus: *“Desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo”* (1Pe. 2.2).

▪ Amar a Palavra de Deus: *“Oh! quanto amo a tua lei! É a minha meditação em todo o dia”* (Sl. 119.97). *“Por isso amo os teus mandamentos mais do que o ouro, e ainda mais do que o ouro fino”* (Sl. 119.127).

▪ Conhecer a Palavra de Deus. Como? Ouvindo, lendo, estudando, memorizando e meditando: *“O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; e, visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos”* (Os. 4.6).

▪ Crer na Palavra de Deus:

“Bendito seja o SENHOR, que deu repouso ao seu povo Israel, segundo tudo o que disse; nem uma só palavra caiu de todas as suas boas palavras que falou pelo ministério de Moisés, seu servo” (1Rs. 8.56).

“Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar” (Lc. 21.33).

“Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos; mas a seu tempo manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador” (Tt. 1.2-3).

▪ Praticar a Palavra de Deus: *“E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos”* (Tg. 1.22).

▪ Comunicar os seus princípios a outros: *“E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fieis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros”* (2Tm.2.2).

f) A importância de meditar na Bíblia:

“Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite” (Sl. 1.2-3).

Meditar é pensar sobre o que se leu e escutou; pois ler e saber não é o suficiente. *“Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito; porque então farás prosperar o teu caminho, e serás bem sucedido”* (Js. 1.8).

Refleta continuamente na Palavra de Deus.

4.4. Sugestões para uma Vida Devocional Significativa

- Separe um tempo regular.

- Tente fazer o seu devocional na mesma hora todos os dias para que não possa esquecer.
- Procure um lugar onde você possa se concentrar em Deus e na Sua Palavra, livre de distrações.
- Tenha à mão um caderno e uma caneta ou um lápis.
- Quando Deus lhe mostrar algo especial da Bíblia, escreva em seu caderno.
- Prepare a atitude de seu coração.
- Sempre espere que Deus lhe ensine algo novo.
- Leia a Bíblia com cuidado e em oração.
- Medite no que você leu considerando:
 - O que diz?
 - O que significa?
 - O que Deus está me dizendo?
- Ore - Fale com Deus.

4.5. Benefícios de uma Vida Devocional Disciplinada

Os obreiros são sempre expostos além do quinhão da experiência humana. Corremos o risco de, cinicamente, chegarmos à mesma conclusão que Salomão: *"Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito"* (Ec. 1.14). Talvez tenhamos visto coisas demais. A inocência e o entusiasmo com que outrora ministramos no Espírito estão desvanecendo. Será que reconhecemos a ausência da devoção espiritual em nossas vidas? O anseio de nossos corações por Deus pode não ser mais tão intenso como a avidez do cervo pela água.

Há muitas recompensas pela busca fiel a Deus, sem contar que estamos dando-lhe a oportunidade para que nos dispense novamente sua preciosa unção. Em vez do cinismo de Salomão, devemos abraçar a esperança e a visão de Isaías: *"Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas. Eis que farei uma coisa nova e, agora, sairá à luz; porventura, não a sabereis?"* (Is. 43.18-19). As recompensas podem não ser imediatas, mas são certas.

Veja alguns benefícios de uma vida devocional disciplinada:

- Nos tornará crentes mais fortes *"Eu vos escrevi, pais, porque já conhecestes aquele que é desde o princípio. Eu vos escrevi, jovens, porque sois fortes, e a palavra de Deus está em vós, e já vencestes o maligno"* (1Jo. 2.14).
- Nos dará confiança e poder na oração *"E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos"* (1Jo. 5.14-15).
- Nos dará purificação dos pecados: *"Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade"* (Jo.17.17). *"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça"* (1Jo. 1.9).
- Nos dará alegria: *"Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo"* (Jo. 15.11).
- Produzirá paz: *"Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo"* (Jo. 16.33). *"A paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos"* (Cl. 3.15).
- Orientará nas decisões da vida: *"Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho"* (Sl. 119.105).

▪ Será uma garantia de sucesso *“Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito; porque então farás prosperar o teu caminho, e serás bem sucedido”* (Js. 1.8).

Lembre-se de que muitos olharão para o seu exemplo como obreiro, em busca de forças para seguir a Deus em suas próprias vidas devocionais.

O tempo que passamos em devoção ao Senhor, e à Sua Palavra, torna-se o trampolim do qual as iniciativas espirituais são lançadas em nosso ministério e vida pessoal. Um pouco hoje, um pouco amanhã. Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim nossas almas anseiam pelo único que nos pode matar a sede!

CONCLUSÃO

Não esgotamos o assunto e cremos que ainda que o desejássemos não conseguiríamos fazê-lo. Cremos, contudo, que o conjunto de aspectos focalizados é suficiente para nos dar uma ideia da responsabilidade de ser líder na igreja de Cristo, sem que isso contribua para nos desanimar. Afinal, se estamos crucificados com Cristo, e já não vivemos mais, mas Cristo vive em nós – *“Porque eu, pela lei, estou morto para a lei, para viver para Deus. Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim”* (Gl.2.19-20) – muito do que foi enfocado já deixou de ter qualquer significado para nós.

Gostaria de concluir deixando o texto de 2Co. 1.12: *“Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que com santidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas na graça divina, temos vivido no mundo, e mais especialmente para convosco”*. Leiam ainda 2Co. 5.18-21; Ef. 3.8-12 e 1Tm. 4.14.

BIBLIOGRAFIA:

Texto Base do Pr. Buchinski – Prof. e Deão o Seminário Teológico Presbiteriano.
Pastor Pentecostal - Editora CPAD.
Teologia Pastoral - José Demeval Mendes - Editora CPAD.
Integração na Vida Cristã - Ismael Sperandio - Editora Sepal.
Vida Devocional - Super Seminário – APEC.
Ocupado Demais para Deixar de Orar - Bill Hybels (United Press).